

Nos domínios de Eros, Ânteros e Tânatos, O Ateneu de Raul Pompéia e *Querelle de Brest* de Jean Genet

Daniel Correa Felix de Campos

Mestrando em Literatura

A palma de minhas mãos recusando esses dons
A noite dançará só à beira de nosso túmulo
Uma dança arrancada dos mais pobres objetos [...]
Deixa-me vestir para alcançar tuas misérias
Esses repositórios de sal dos degraus subterrâneos
Os bosques de pinheiros, potência das trevas [...]
Teu olho. Para ver nos minutos entreabertos
Imóvel um galope escapar-se de teus pés
Para devolver em teus dedos minhas armas perigosas
[...]
Belo rapaz em cujo pulso cem rosas ecoam
Essa foice adormeceu [...]
(Tradução livre [do autor deste ensaio] da obra de
Jean Genet – *Pompes Funèbres*. 1997, P.61)

C'est donc un amoureux qui parle et qui dit:
Barthes, Roland, *Fragments d'un discours amoureux*

Anuário de Literatura 10, 2002, p. 109-134.

Este ensaio propõe uma leitura que analise as relações de poder, a morte e o amor em espaços institucionais eminentemente masculinos, com base nos romances *O Ateneu* de Raul Pompéia – o internato, e *Querelle de Brest* de Jean Genet – a marinha.

O prólogo apresenta uma breve interpretação dos romances pelo viés temático proposto. Em seguida, no decorrer da argumentação, aspectos ora convergentes, ora divergentes entre os dois romances são articulados mediante uma interpretação fundamentada valendo-se dos discursos de Derrida, Bataille e de Foucault. Segue-se, então, a conclusão do ensaio que aponta um pensar homoerótico singular, constituído na íntima possibilidade de amor entre homens.

O romance de Raul Pompéia, *O Ateneu*, foi publicado inicialmente em folhetins do jornal *Gazeta de Notícias*, a partir de abril de 1888, quando Pompéia tinha 25 anos. O romance é também de memórias, como declara o próprio título da obra – *O Ateneu (Crônica de Saudades)*. A obra apresenta um foco narrativo em primeira pessoa, o narrador, Sérgio, que reconstrói, pela memória, um pedaço de seu passado – dois anos vividos em um internato para meninos, *O Ateneu*. Considerado um colégio de excelência, dirigido pelo austero e reconhecido pedagogo Aristarco Argolo de Ramos, o internato *Ateneu* recolhia em suas classes alunos provenientes de respeitáveis e ilustres famílias cariocas e até de outros estados do país. Sérgio chega a esse ambiente com onze anos.

O motivo pelo qual o narrador faz um recorte no seu passado é eminentemente pessoal. Segundo Mário de Andrade, a intenção de Sérgio, ao fazer a reconstrução desse

tempo, é de vingança, mais do que denúncia de um sistema educacional arcaico e cruel¹. Tal interpretação sustenta-se ao se considerar *O Ateneu* um romance de inspiração autobiográfica, pois se sabe que essa obra retrata reconhecidamente um período da vida de seu autor. Entre 10 e 16 anos Pompéia conheceu na Corte a educação escolar sob regime de internato. O escritor foi aluno do famoso Colégio Abílio, dirigido pelo renomado educador Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, e mais tarde ingressou no ilustre Colégio Pedro II. Pompéia aproveita-se da experiência para transfigurá-la em narrativa. Pois, é exatamente nesse lugar – o internato – espaço institucional onde, entre meninos e rapazes, que o amor, a morte e o poder estão presentes. Sabe-se que o internato (assim como a escola naval e a marinha) reflete a sociedade e nesse espaço existe a presença de dois poderes, a saber: o poder do Estado como instituição que garante a extensão e a legitimação do poder, e o “jogo de poder” (ou “o jogo da troca” – troca na concepção de Derrida) – troca presente em espaços por excelência masculinos e suas respectivas relações de poder e de dominação.

Quanto à troca, mais adiante outros argumentos apresentar-se-ão. Contudo, é necessário observar melhor esses espaços institucionais eminentemente masculinos, representados nos romances: *o internato e a marinha*. Estes são compreendidos por uma perspectiva singular do poder, em suas relações e domínios. Tal perspectiva não está circunscrita ao poder, como proibição, lei, interdito por meio da fórmula “tu não deves” (“tu ne dois pas”)² – concepção jurídica do poder. A possibilidade proposta reside em vários poderes disseminados, como a concepção de Foucault de uma tecnologia do poder. Em outras palavras, somente através desse olhar, compreende-se o poder, suas conexões e suas malhas,

com práticas, políticas, características e tecnologias próprias, pois não há poder, e sim vários poderes. Existem diversos poderes disseminados como múltiplas formas de dominação e sujeição. E tais formas, em suas redes e funções, reproduzem-se em diversos espaços constituindo então um sistema de regiões de poder – “La société est un archipel de pouvoirs différents”³.

Sabe-se que, ao longo da história pública e privada das sociedades ocidentais, existiu, sobretudo após o Renascimento, e existe, no âmago dos sistemas que as compõem, políticas e práticas de “disciplinarisation”, “dressement” e “renfermement”. Tais práticas produzem-se e reproduzem-se, simultaneamente, a fim de assegurar e de legitimar as relações de poder, a lei, e os interditos diversos. Em seu artigo, “Les Anormaux”⁴, sempre considerando as sociedades ocidentais, Foucault assinala três grupos distintos, a saber: – o monstro humano (entre outros casos, o hermafrodita), o onanista, e o indivíduo que viola a lei, que deve ser “corrigido”. Então, existem técnicas de disciplina e correção, e estas, no que aqui se considera, realizam-se justamente em espaços institucionais eminentemente masculinos – escolas (o internato), oficinas e exército (a marinha). Nesses lugares a disciplina deve ser mantida via técnicas múltiplas – disciplina e poder sobre corpos e sexos.

Posta essa realidade, compreendem-se melhor as relações de poder entre homens, de sexo masculino, nesses lugares. Via essa perspectiva, sob e sobre as malhas do poder, passa a haver nesses mesmos espaços dois corpos: – o corpo vigiado, disciplinado, pronto a corrigir; – e o corpo transgressor. Este último, é o corpo que subverte a lei, a ordem, move-se e remove-se em trajetórias transgressoras. E é

exatamente nesse lugar que nasce a transgressão que o ensaio observa com base nos personagens dos romances analisados e suas respectivas relações de poder – da subversão dos corpos às trajetórias homoeróticas⁵.

De fato, retornando ao Ateneu, o internato reflete a sociedade, como fala o professor Cláudio, no décimo primeiro capítulo, ao pensar sobre a educação: “Ensaiaados no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá fora [...] não é o internato que faz a sociedade, o internato a reflete”. O internato é uma continuação da sociedade e como tal a reflete. Assim, o limitado espaço do internato torna-se uma espécie de microcosmo da sociedade. No romance de Pompéia, primeiro capítulo, Sérgio, com onze anos, chega às portas do Ateneu, quando seu pai lhe diz algumas palavras proféticas – “Vais encontrar o mundo [...] Coragem para a luta”. O verdadeiro significado da advertência paterna Sérgio experimentará no decorrer de dois anos de estudos no internato. Já no segundo capítulo, Sérgio recebe os conselhos do colega Rebelo: “Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se [...] faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores”.

Por conseguinte, recém-saído da estufa de carinhos e afetos maternos e da proteção paterna, Sérgio vê-se, de repente, parte de um grupo no qual “os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo”. E em pouco tempo Sérgio passa não só a conhecer, mas também a viver o universo dos “protetores” e dos “des protegidos”⁶.

O romance de Jean Genet *Querelle de Brest* teve o início de sua escritura em abril de 1945 e a publicação clandestina em 1947, juntamente com o romance, *Pompes Funèbres*. Genet tinha então 37 anos, e esse é também um romance, como a crítica literária aponta, de tendência autobiográfica. Afinal, o próprio Genet dizia: “Dans tous mes livres, je me mets à nu, et en même temps je me travestis par des mots, des choix, des attitudes, par la féerie”⁷, ou seja, o próprio Genet assinala essa estreita relação entre vida-obra. Em 1942, com 32 anos, na prisão, Genet começa a escrever. Primeiro escreve *Le Condamné à mort*, longo poema que exalta a homossexualidade, em que ele conta seu amor à Maurice Pilorge, condenado à morte, em 1939, à guilhotina, que só foi suprimida na França em 9 de outubro de 1981. Em seguida, Genet escreve os romances, textos considerados também como autobiográficos – *Notre-Dame-des-Fleurs*, 1944, *Miracle de la Rose*, 1946, *Pompes Funèbres* e *Querelle de Brest*, 1947, seguido de *Le Journal du Voleur*, 1949. Entre 1947 e 1961, Genet dedica-se ao teatro, e de 1961 à 1986, ano de sua morte, pouco publica. Nesse mesmo ano (publicação póstuma), é editado *Un Captif Amoureux*. É válido lembrar a dedicatória em *Notre-Dame-des-Fleurs* que Genet faz ao seu amor, Pilorge: “Sans Maurice Pilorge dont la mort n’a pas fini d’empoisonner ma vie je n’eusse jamais écrit ce livre. Je le dédie à sa mémoire. Jean Genet.”

Em *Querelle de Brest*, Genet tece uma minuciosa descrição, delicada “teia” de Brest. Sabe-se que Genet viveu em Brest nos anos 30 e as descrições são extremamente precisas e preciosas, sobretudo nesses espaços. Estes, equivalentes a entre-lugares, localizam-se entre o cais e o navio, entre os cafés e as ruas, a rua de Siam, entre a noite e a chuva, “le brouillard de Brest”, “quite foggy”. É desse

cenário que surgem os marinheiros, os operários, os estivadores, os cafetões e os policiais. É daí também que surgem os três personagens centrais do romance: o oficial Seblon, Gil, o jovem pedreiro, e Querelle, o exuberante marinheiro (sempre viril, vivo e musculoso). Este, durante o dia, trabalha no navio e desde que chegou a Brest passou a ser o “ordonnance” de Seblon. À noite, Querelle assume outras identidades veladas – se prostitui, rouba clientes, mata cúmplices, trai. Sempre alheio às leis, ou regras. Sempre, Querelle apresenta-se viril, sedutor, forte e, sobretudo nas relações com os outros homens, afirma-se exatamente como o sujeito que tem poder, que domina. Assim, no universo masculino entre fracos e fortes, Querelle é o sujeito forte que impõe e domina.

É exatamente esse universo que o ensaio enfoca nos romances *O Ateneu* e *Querelle de Brest*, pois em suas narrativas as relações de poder – entre homens – se estabelecem via estreitos acordos, conflitos e laços. É o “jogo do poder” e as transgressões face ao interdito ou interditos – estes que estão presentes nas narrativas dos respectivos romances como também nas atuais sociedades ocidentais. Esses interditos se repetem desde as antigas sociedades patriarcais, fundamentados na tradição judaico-cristã, interditos que foram reafirmados com o advento da Revolução Industrial através do novo modelo da tradicional família burguesa do século XIX. Observa-se, nas sociedades capitalistas a existência (em diversas instituições) de agentes que estão nesses espaços com o objetivo de Controlar, Vigiar e Punir⁸ aqueles que violam, ou seja, aqueles que cometem o dito “delito”. Em ambos os romances esses agentes são representados por meio dos inspetores, ou dos vigilantes (alunos escolhidos pelo diretor) no comando: o diretor

Aristarco, em *O Ateneu*; e em *Querelle de Brest*, por intermédio dos guardas da marinha, e do “lieutenant” Seblon. Entretanto, até mesmo os dois personagens responsáveis pela punição e vigilância agem da seguinte maneira: Seblon é sempre muito calado e observador e acompanha a tripulação atento a tudo e a todos, porém, quando fora desse espaço – a marinha, o navio – ou seja, quando está em terra, os seus primeiros passos são em direção aos banheiros públicos à procura de parceiros para ter momentos fugazes de prazer. Assim a primeira mensagem que escreve ao entrar no banheiro é – “Jeune homme de passage à Brest cherche beau garçon ayant belle queue.”⁹

Existe, então, um duplo prazer. No navio Seblon, controla, domina, vigia e pune. Dentro desse espaço ele é o sujeito responsável pela tripulação, assumindo a identidade com base na qual tem o poder. Mas o mesmo sujeito assume outra identidade fora do navio. Assim, ele passa a assumir a identidade do sujeito que quer transgredir. E, de fato, transgride, ao procurar nesse espaço encontrar iguais. Ou seja, Seblon ora transgride (fora do navio) ora é responsável pela não-transgressão (dentro do navio), identidades opostas, espaços diferentes (fora-dentro). Já em *O Ateneu*, Aristarco é o responsável pelo internato: enquanto tal, Aristarco assume a identidade do diretor, bastante rigoroso com os alunos, e, em excesso, com aqueles que são punidos. Muitas vezes, as punições são públicas. Entretanto, o romance de Pompéia deixa em evidência que Aristarco por razões outras tinha também seus “protegidos”, ou seja, em outros momentos ele também reproduzia o jogo “protetor – protegido” de duplo prazer. Dessa forma, no interior do próprio internato, Aristarco ora mantém o poder institucional de diretor do ilustre

estabelecimento de ensino, ora mantém um outro poder (um segundo), decorrente do primeiro, relativo a seus protegidos.

Observa-se, nessa rede de poder duplo, extensivo ao prazer/dor, na dobra duro/dócil, dentro/fora, o lugar onde os dois equivalentes poderosos circulam. Seblon é o inverso de Aristaco, quando só transgride fora do navio e dentro vigia, ao passo que Aristarco vigia e transgride dentro do Ateneu, ambos reproduzindo o jogo protetor/protegido. Duplas identidades, duplos poderes – Seblon e Aristarco.

Da troca – Dos domínios do poder

Sabe-se que as relações exteriores à economia doméstica, entre os homens estão, em termos sociais e culturais, arrimadas nas relações econômicas de troca. Pode-se exemplificar que, nas culturas ou sociedades não capitalistas, eram realizadas freqüentemente as chamadas trocas sagradas, o diálogo com Deus ou deuses – a fim de evitar equívocos históricos e antropológicos, ressalta-se que as trocas e o ritual sagrado eram compartilhados entre homens, mulheres e deuses. Posteriormente, no decorrer da história da humanidade, ocorreram diversas mudanças e transformações, sobretudo com o advento da Revolução Industrial e suas alianças com a ciência. A partir de então as economias passaram a se constituir por meio da troca profana – a troca através do capital. Essa nova troca passa a conduzir as relações de modo que os homens trocam entre si e não mais com os deuses, visam ao lucro rápido e disseminam a exploração, as desigualdades sociais e a corrupção. Assim,

nas trocas “profanas” é exigido algo que tenha um “valor” para então efetuar-se a troca. Imagina-se a seguinte relação: X entrega algo a Y, este último por sua vez está em débito com X, a dívida só se pode dar por encerrada quando Y retribuir algo ao X. Mesmo porque, o ato de dar envolve “o presente”, ou melhor, envolve um auto-reconhecimento, uma aprovação e uma gratidão narcisista a partir do outro. Mas acima de tudo nessa relação exige-se a atenção, a presença do outro e mais ainda o presente do outro.

Logo, nos romances em questão, essa troca é explícita/implícita e ela ocorre no âmbito das relações de poder entre os homens, em *Querelle de Brest*, e entre os meninos, em *O Ateneu*. Neste último, a troca ocorre entre os “protetores/dominadores” e os “dominados/protegidos”, sendo que, no espaço dos dominadores (entre eles), um é (quase sempre) rival do outro, o que gera, então, uma acirrada disputa pelo mais “fraco” que, muitas vezes, se realiza na luta física. Por exemplo, entre Malheiros e Bento Alves, Bento é o vencedor, e, por sua vez, o vencido é humilhado pelos outros meninos. Contudo, entre os “dominados”, “protegidos”, não há rivalidade na força. E ela se dá por intermédio de outras obliquidades: ou ocorre sob a aparência de um armistício ou sob uma espécie de acordo de tolerância. De fato, os mais fortes dominam e assujeitam os fracos. Os chamados “protetores” são meninos de forte compleição física que resguardam os fracos em trocas, notadamente, de favores amorosos. Ao forçar uma certa reserva em relação aos colegas, o narrador sente-se angustiado e acovardado, e assim deseja alguém que lhe valha, “naquele meio hostil e desconhecido”. Sanches, que se aproximara de Sérgio fingindo salvá-lo de um afogamento, cumprirá esse papel, assumirá essa identidade de “protetor” de Sérgio. Além da proteção, Sanches ajudará

Sérgio nos estudos. Apesar da amizade, o narrador Sérgio, sente um certo asco pelo companheiro, quando este o pressiona com intenções sexuais. Desse modo ele se afasta de Sanches de uma vez. Aqui se retoma a idéia de uma estética de virilidade dentro de uma concepção homoerótica pois, ao “fingir” salvar o mais fraco, Sanches procura apresentar-se como o “viril” ainda que isso seja apenas uma estratégia de sedução que desde a Grécia Antiga já se estabelecia entre os homens.

No final do primeiro ano, outra amizade se compõe. Bento Alves, que se torna uma espécie de herói no Ateneu, designativo, originalmente, do templo da deusa Atenas – encarna o mito: deusa viril e protetora, Atenas é a imagem híbrida masculino/feminino, duro/dócil. Após capturar um fugitivo que cometera um crime dentro do Colégio, é aclamado por todos. Forte e generoso, Alves é admirado também por Sérgio, e este último revela: “Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava [...] prazer do contato fortuito, de um aperto de mãos, da emanção da roupa como se absorvêssemos um pouco do objeto simpático [...] Soube depois que ameaçava torcer o pescoço a quem pensasse apenas em me ofender [...]”¹⁰.

É evidente que, logo, ambos tornam-se companheiros e Bento Alves sempre presenteia Sérgio: “chegara ao excesso das flores. A princípio, pétalas de magnólia seca [...] um ramalhete [...]” e juntos também passam a estudar. Porém, a harmonia entre os amigos é posta em jogo, quando Bento aceita um embate corporal com Malheiros para defender a honra do amigo. Bento vence o combate e a partir desse momento Sérgio aceita o papel de namorado, porém sem

“favores” sexuais. Os dois continuam sempre juntos até o segundo ano de Sérgio no Colégio, quando Bento, talvez ferido por não poder estar mais próximo de Sérgio, ou por não ser correspondido em suas expectativas, ataca Sérgio fisicamente (“os corpos agarrados”). Depois desse ato de violência, essa amizade é rompida.

Além de rápidos instantes próximos a Franco e a Rebelo, no segundo ano, Sérgio estreita suas relações de afeto com Egbert, menino lindo, delicado, de família inglesa, e é somente a partir desta relação entre iguais, entre meninos fracos delicados (“des-protegidos”) que surge o lugar da amizade, da companhia, do zelo, do afeto, do amor, - da cumplicidade – do amor entre meninos, sem força, sem violência, sem presentes. Só afeto e amor.

Do Egbert, fui amigo. [...] Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar [...] adorava-o e o julgava perfeito [...], eu admirava-o [...] nós dois sós! Sentávamo-nos à relva .

Em *Querelle de Brest*, de Genet, o romance revela as trajetórias dos três personagens principais: Seblon “le lieutenant”, seu amor por Querelle e suas incursões pelas ruas de Brest. Gil e suas relações com Théo, Roger e Querelle; do ato criminoso de matar Théo ao amor fiel a Querelle. E ainda, Querelle e seus amores, entre amar Robert seu irmão e amar Gil seu irmão também, enquanto na irmandade dos que matam. Querelle cometera também o assassinato.

De fato, cada um dos personagens vive no âmbito de suas respectivas relações amorosas o “jogo do poder”, “o jogo do protegido-protetor”, “do forte – do fraco”, o que se exemplifica com o que Georges Bataille concebe nas três formas de erotismo – dentre elas, o erotismo dos corpos. É nesse lugar – dos corpos – que há uma violenta subversão e subjugação dos que justamente se reproduzem através do “jogo de poder”, tão presente na obra de Genet. Este jogo é um jogo erótico, uma malha de poder e sedução que se realiza entre o macho viril e o macho não-viril e se desdobra no macho que protege o macho que é protegido (dominante/dominado), embora também o jogo possa se dar ao revés. Por exemplo, Seblon é o superior em face da tripulação do navio *Le Vengeur*, responsável pelo corpo de marinheiros. Seblon é responsável pelo controle, vigília e punição. Entretanto, diante de Querelle, sente-se totalmente dominado pelo marinheiro. Seblon desvia os olhos, abaixa a cabeça, ou seja, sente-se frágil e deseja Querelle a seu lado, deseja esse corpo forte, viril, sólido com seus músculos, quer a proteção do macho chamado Querelle. Ao final do romance, ao salvar Querelle de uma briga de rua, a narrativa de Genet mostra a imagem de dois homens abraçados: Querelle embriagado e cansado, fraco, e Seblon protegendo-o duplamente: do tempo, do frio, da noite, e da violência das ruas de Brest. Justamente pela sua autoridade, como oficial da marinha francesa. Logo, Seblon o protege. Querelle, fraco, é protegido por Seblon, que o conduz a bordo do navio, ao mesmo tempo em que Seblon quer ser dominado pelo marinheiro. Sim, muitas vezes, aquele que é forte torna-se frágil ou vice-versa. Gil, o jovem pedreiro sempre frágil, apresenta-se forte, robusto, violento ao matar Théo. Mais uma vez, retoma-se o “jogo de poder”: Gil, fraco, é dominado, subjugado por Théo.

Então, ferido, Gil vira o jogo, subverte as “regras” e assume uma posição de não-dominado, rompendo o jogo ao matar Théo¹¹.

A morte de Théo decisivamente representa o outro lado dessa nova troca, ou a destroca. E o crime de Gil o aproxima por sua vez de Querelle. Na verdade, essa relação torna-se estreita pois Querelle também havia cometido um assassinato em Beirute, ao matar o armênio, que o conhecera na rua. Primeiro Querelle aceita o convite de ir à casa do armênio, porém com a intenção de, ao prostituir-se, receber em “troca” o dinheiro. Poucos instantes, após ter entrado na casa, mata Joachim e leva para o navio moedas raras, jóias e dinheiro. Anteriormente, quando estava na rua, ao conhecer Joachim, mostra-se dócil, frágil e aceita o convite de ir à sua casa. Lá, porém, mata-o.

Querelle l'étrangla [...] Querelle vit son visage dans la glace: il était très beau. Il sourit à son image [...] Querelle pris tout l'argent qu'il trouva et très calme il sortit. [...] Il quitta Beyrouth chargé de trésors. [...] le droit absolu de disposer sans remords de la petite fortune en livres syriennes et en monnaies de toutes les nations du monde, dérobée dans la chambre de Joachim [...] ¹²

Observa-se neste breve fragmento que não se trata de doação, e sim de uma dupla transgressão à lei, que acaba por reverter o profano no sagrado: – o assassinato e o roubo. Este último, é uma apropriação indevida que consiste em uma violação social grave, que passa a ser sagrada. Querelle não só mata o armênio, Querelle o rouba, e rouba, além do dinheiro, jóias e moedas raras. O prazer desta violação

também é o prazer em face dos seus semelhantes (enquanto marinheiro e ladrão) de mostrar-se como o sujeito que domina. O prazer masculino da dominação, da força e do poder. Querelle faz o que quer e quando quer – domínio e poder do macho dominante. Em Brest, Querelle comete um outro assassinato. Ao sentir-se ameaçado, mata seu cúmplice (de tráfico), Vic.

A morte, muitas vezes, faz-se presente como possibilidade, ora para subverter o jogo, ora enquanto marcha, conjuntura do próprio jogo. Na troca das regras e para mudar o jogo, ou destruir o domínio do outro, o passo é matar o outro. Mas, ao mesmo tempo, matar o outro representa também a derrocada de quem mata, ou seja, de quem domina. Mais adiante, retomar-se-á esta questão.

O que mais aproxima os dois, Gil e Querelle é uma dupla cumplicidade entre iguais que se identificam no crime, na morte, no poder, no amor, nos corpos – na troca sagrada entre homens criminosos (de criminoso para criminoso) dois fortes/dois fracos simultaneamente, e é nesse entre-lugar que surge a amizade e o amor entre Querelle e Gil – entre iguais.

Ils étaient debout l'un en face l'autre, se regardant dans les yeux [...] – on se bécote¹³ comme des amoureux [...] Querelle sentait en lui vraiment se développer l'amitié. Tout son corps touchait le corps de Gil abandonné. Querelle l'embrassa encore et Gil lui rendit encore ce baiser. [...]

Querelle caressant les cheveux de Gil et lui donnant de nouveaux et plus chauds baisers. [...] On est vraiment potes¹⁴? [...] T'es mon vrai copain [...]"¹⁵

É o amor entre iguais que se fortalece nesse entrelugar homoerótico e institucional. Diante de Gil, Querelle vê a si mesmo, ele se apaixona por Gil e por si mesmo quando menino (Querelle pensa em Gil como um “petit Querelle”, como um irmão mais novo):

Enfin Querelle allait rencontrer pour la première fois, un autre criminel, un frère [...] Querelle éprouvait un sentiment presque paternel. [...] La question se posait à partir de l'amitié [...]. En Querelle l'amitié pour Gil se développait jusqu'aux confins de l'amour. Il éprouvait à son égard une sorte de tendresse de frère aîné. Gil aussi, comme lui-même, avait tué [...] Querelle conservait un étrange sentiment de respect et de curiosité, comme s'il eût été en face du foetus de Querelle enfant. Il désirait faire l'amour, car il croyait que sa tendresse s'en fortifierait, parce qu'il serait davantage lié à Gil qu'il lierait à lui davantage. Mais il ne savait comment s'y prendre ¹⁶

A cumplicidade evidenciada nessa passagem também é vivida e fortalecida no relacionamento entre Sérgio e Egbert, em *O Ateneu*:

Egbert merecia-me ternura de irmão mais velho. [...] No recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas de existência. [...] Nós dois sós. Sentávamos na relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele aos meus. Calados, arrancávamos espiguilhas à grama. O prado era imenso, os extremos escapavam já na primeira solução de crepúsculo. Olhávamos para cima, para o céu. Que

céus de transparência a de luz! Ao alto, ao alto demorava-se ainda, em cauda de ouro, uma lembrança de sol. A cúpula funda descortinava-se para as montanhas, diluição vasta, tenuíssima de arco-íris. Brandos reflexos de chama; depois, o belo azul de pano, depois a degeneração dos matizes para a melancolia noturna, prenunciada pela última zona de roxo doloroso. Quem nos dera ser aquelas aves, duas, que avistávamos na altura, amiga, declinando o vôo para o ocaso, destino feliz da luz, em pleno dia ainda, quando na terra iam por tudo as sombras!¹⁷

De volta ao romance de Genet, a cumplicidade se revela, quando ao encontrar-se com Gil, Querelle encontra-se com ele mesmo, ele se depara com esse amor sem violência, sem “força”, só afeição e dedicação – “mon môme, pote, copain, ami” – desejo, zelo, amizade cumplicidade, amor – delicado amor entre iguais. Delicado sim, por ser ao mesmo tempo entre iguais e ser entre o amante e a sua própria imagem que se concretiza diante do outro, espelhado, como um amor narcisista, delicado e orgulhoso diante de si mesmo, diante de sua própria imagem. Nesse âmbito, amar o outro é igual a amar o igual/o outro e amar a si mesmo. Surge, nesta perspectiva de consagração das regras novas, a imagem do espelho – “lo specchio”. Amor suave tal como Narciso ama o seu reflexo nas águas suaves, desejo, suave deleite – suave prazer ao encontrar no outro a si mesmo – diante do espelho o amante encontra ele mesmo e simultaneamente o ser amado, formas dobradas: Querelle ama Gil. Gil ama Querelle.

Repose-toi sur mon sein et je serai délassé. – Tu me demandes pourquoi tu m’aimes. Mais tout ce qui a

été élevé ensemble s'aime. Vois nos oiseaux élevés
dans les mêmes nids toujours ensemble comme nous.
Écoute comme ils s'appellent et se répondent d'un
arbre à l'autre [...] *Paul et Virginie*.¹⁸

Das suaves e delicadas veredas do amor entre iguais

O Espelho

Ardo em desejo na tarde que arde!
Oh, como é belo dentro de mim
Teu corpo de ouro no fim da tarde:
Teu corpo que arde dentro de mim
Que ardo contigo no fim da tarde!

Num espelho sobrenatural,
No infinito (e esse espelho é o infinito?...)
Vejo-te [...]
Da revelação primeira da vida!¹⁹

O amor entre iguais, no romance *O Ateneu*, está duplamente representado: primeiro, por ser o amor entre dois meninos e, segundo, por serem Egbert e Sérgio dois meninos frágeis, delicados, no “jogo de poder”. São eles dois duplamente “des-protegidos”. Então, amor dobrado – “Do Egbert, fui amigo [...] eu experimentava a necessidade deleitosa da dedicação. [...] Queimava-me o ardor inexplicável do desinteresse. Egbert merecia-me ternuras de irmão mais velho. [...] éramos inseparáveis [...] nós dois sós! [...] Amor unus erat.”²⁰

Percebe-se então a oblíqua saída do “jogo de poder” dos seus domínios como a narrativa desse romance apresenta.

Parece nascer entre iguais o amor intimamente delicado, ambos os personagens no íntimo de uma ascese erótica, marcada pela cumplicidade, fraternidade, zelo e amor – “Egbert merecia-me ternura de irmão mais velho [...] Amor unus erat”. Como em Genet, a cumplicidade que se consagra através dessa irmandade evoca a imagem do tabaco como selo de troca entre os homens e a divindade, observada por Derrida em “La Poétique du Tabac”²¹.

Este é, portanto, um antigo elo de relações exclusivamente masculinas e humanas que retorna novamente em ambas as obras, na cumplicidade que o amor desses irmãos consagra.

E é nesse entre-lugar do amor de dois iguais que a fraternidade e a cumplicidade realizam-se de uma maneira mais suave, talvez pelo fato de que o forte e o fraco encontram-se diante deles mesmos, e então, nesse momento o amor surge dócil, suave docilização. Ou seja, nesse entre-lugar, a dobra duro/dócil se desdobra em seu inverso ao mesmo tempo. É nesse entre-lugar que ao aproximar-se dos domínios do amor aproxima-se também dos domínios da morte: Eros/Thanatos. Sabe-se que a idéia ou a presença da morte faz-se presente sempre como efeito da paixão ou do amor: eles se entrecruzam (os fios das antigas Moiras se encontram nas vidas dos homens), afinal, a união dos amantes evoca a presença da morte e reforça a idéia de fraternidade (os amantes iguais – os irmãos – sem força, sem violências). Daí o pequeno êxtase, a pequena e doce morte. A finitude erótica de Bataille²².

Enfim, como então se pode compreender melhor a idéia do amor entre os iguais, em sua fraternidade? Sabe-se que todo amante, enquanto tal, procura em seu ser amado (através deste) “la transparence du monde”²³ e como amante

mergulha, contempla, admira, observa o seu amado e ao mesmo tempo procura perceber a si mesmo no ser amado. Para o amante, o seu ser amado é uma continuação (concepção de Bataille de continuidade e descontinuidade dos corpos), ou seja, uma extensão de si mesmo. O amante observa através do espelho a si e ao outro (lo specchio) o espelho que se chama amor²⁴

Nesse entre-lugar do amor entre-dobrado faz-se aqui uma breve alusão ao amor na cultura da Grécia Antiga. Por meio da mitologia grega, retrata-se a trajetória do amor de dois irmãos, Pólux e Castor, que se amam intensamente em vida e morte, de modo que a morte de um representa a morte também do outro. A lenda grega conta que, depois de um terrível combate entre Castor e Pólux contra Linceu e Idas, em um determinado momento Castor foi atingido e morto por Linceu, o qual a seu turno caiu sob golpes de Pólux, ferido por Idas. Pólux, louco com a morte do seu irmão, pediu a Zeus que o tornasse imortal. O pedido não podia ser inteiramente satisfeito, a imortalidade foi compartilhada entre os dois irmãos, de sorte que eles viviam e morriam alternativamente; cada um deles, a seu turno, passava seis meses nos Hades, seis meses no Olimpo, e assim fatalmente não se encontravam nunca juntos – fidelidade e cumplicidade fraterna. Hibridismo e entre-lugar do céu/terra, claro/escuro, lembrando os hibridismos desdobrados das obras em questão: virilidade/feminilidade, dureza/docilidade, matar/não-matar, roubar/não-roubar, infidelidade/fidelidade, força/fraqueza, dominar/não dominar, etc.

Pode-se também fazer referência nesse mesmo universo à vida de Eros. Dizem os poetas que a mãe deste, Afrodite, consultou a deusa Têmis, pois seu filho sempre permanecia

menino. Assim, a deusa consultada respondeu que Eros não cresceria enquanto ela não tivesse outro filho. Afrodite, acreditou nas palavras de sua avó e deu-lhe como irmão Ânteros, junto a quem ele começou a crescer. Por esta formosa ficção, os poetas cantaram e contaram que o amor, para crescer, tem necessidade de ser correspondido, ou cantaram também do amor de Eros e Ânteros, o amor entre iguais. Pois esse amor dobrado tem de ser fraterno para que possa crescer em afeto e cumplicidade.

Todavia, pode-se pensar que o movimento do amor, levado ao extremo, é um movimento de morte, pois os domínios da morte e do amor se confundem nos corpos e nas relações. O amor e a morte aproximam-se no erotismo quando, nesse contexto, o amante não pode possuir o ser amado. Se o amante não possui o ser amado em nenhuma conjuntura, circunstância, o amante segue (sob o signo da morte) duas possibilidades: como não tem o ser amado, em vez de perdê-lo, deseja matá-lo. Ou o amante deseja suicidar-se. Ou mata o outro, ou mata a si mesmo. De qualquer modo, mata-se duplamente, pois ao matar o outro, mata-se a si mesmo. Eros e Tânatos inseparáveis. Retomando a idéia da morte do dominador ou a sua derrocada, cabe assinalar que este domine quando mata o dominado, e simultaneamente, ele está assumindo o papel de dominado ao perder-se a si mesmo como amante.

É evidente que a morte não é só física: em *O Ateneu*, ela surge através do abandono, do esquecimento, do afastamento – o afastamento entre Egbert e Sérgio [...] ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio [...] “Examinei, então, os sapatos, a ver se haviam crescido os calcanhares. Nenhum dos sintomas estranhos constatee. Mas uma coisa apenas: olhava agora para Egbert como para uma

recordação e para o dia de ontem. Daí começou a esfriar o entusiasmo da nossa fraternidade”. O amor entre os meninos termina por intermédio do afastamento e do esquecimento.

Em *Querelle de Brest*, Genet apresenta a presença da morte ora através da luta física/violenta entre Querelle e Robert, ora via a traição de Querelle ao entregar Gil à polícia. Em ambos os romances, ocorre a dita morte dupla pois mata-se o outro e a si mesmo. Assim, a morte não é só a única transgressão possível ao amante diante do interdito posto, diante da impossibilidade de possuir o ser amado, mas a propagação do interdito institucional consagrado ou o selo da fraternidade dobrada entre os assassinos. No romance de Raul Pompéia, Egbert e Sérgio afastam-se, eles têm a fraternidade rompida, o amor morre no esquecimento, na pequena recordação. Por isso, crônica de saudades. Já, no romance de Genet, Querelle ama Gil e Gil ama Querelle. No entanto, Querelle não consegue amar mais Gil tal como o deseja. Logo, por não saber e não conseguir possuir o ser amado, mata-o, traindo-o ao entregá-lo à polícia – instituição que já não significa nada para ele, pois é onde se reproduz um jogo de poder que já então se vê corrompido.

O ensaio proposto apresentou, com base nas relações entre os protagonistas masculinos, as plurais relações de poder presentes nos romances – *O Ateneu* e *Querelle de Brest*, (entre rivalidades, subjugações e docilizações, profanações e consagrações) considerando que tais relações questionam normas institucionais orientadoras dos corpos do sexo masculino, inseridas nos domínios do homoerotismo.

Em suma, analisar esses desdobramentos (como formas de erotismo) vinculados ao homoerotismo é, antes de tudo, assumir no exercício desta exegese um outro pensar. Pensar

o homoerotismo a partir de um entre-lugar. Aí, onde não há subjugação, onde há um outro-lugar, longe do “jogo” fraco/ forte do domínio institucional policalesco da lei e do poder e próximo ao encontro entre iguais, onde há cumplicidade e amor. Em lugar da normatividade institucional viciosa, um entre-lugar de afeto entre iguais.

Essa cumplicidade dobrada realiza-se por meio de um jogo de sedução e erotismo em que forte e fraco interpenetram-se tornando-se antes de tudo homens e sujeitos uns dos outros, corpos híbridos.



Notas

¹ ANDRADE, Mário de, “o Ateneu” in Aspectos da Literatura Brasileira, p. 18

² FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. L'article – “Les Mailles Du Pouvoir” pp. 183. Tome IV. Éditions Gallimard,

Paris, 1994.

³ FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. Page 184. Tome IV. Editions Gallimard, Paris, 1994.

⁴ FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. Page 184. Tome II. Editions Gallimard, Paris, 1994

⁵ Sobre estas trajetórias homoeróticas, vale citar Pedro Valero, estudioso da obra de Michel Foucault que afirma: [...] para inventar nuevas experiencias de ser. En este sentido hablaba Foucault de un modo de ser gay, no consistente en afirmar dicha identidad, sino en buscar un cierto estilo de existencia; [...] en fin, de la posibilidad de utilizar nuestro corpo como una fuente posible de numerosos placeres [...] Foucault sólo puede sugerirnos las grandes líneas por las que transcurriría un más allá de nuestra identidad sexualizada. Esta equivalencia a una economía general del placer que no se hallara normalizada en virtud de la sexualidad, es decir, una desexualización del placer, de la que nos ofrece un ejemplo – pero no un modelo – el ars erotica de antiguas culturas orientales. En esta desexualización se elaborarían otras formas de placer, de relaciones polimorfas

con los cuerpos con las personas y las cosas, de coexistencias, de amores, de lazos y de intensidades. [...]"

VALERO, Pedro M.H. Michel Foucault. Ed. Ariel. Barcelona, p.82- 83. 1998

⁶ Quanto à estética viril/homoerótica, é válido citar Susan Buck-Morss: "Quanto mais Kant avança", escreve Ernest Cassirer, "mais se exime [...] da sentimentalidade predominante" na "Idade da Sensibilidade". Para ser historicamente preciso, é necessário reconhecer que esta sensibilidade, enormemente influenciada pela concepção de helenismo de Johann Winckelmann, era homófila. Ela afirma a beleza estética, antes de tudo, do corpo masculino [...]. O sujeito transcendental kantiano purga-se dos sentidos que põem a autonomia em perigo não apenas porque estes inevitavelmente o enredam no mundo mas, especificamente, porque o tornam passivo ("lânguido" [*schmelzend*] é a palavra de Kant) ao invés de ativo ("vigoroso" [*wacker*]), susceptível, como "orientais voluptuosos", a simpatia e a lágrimas. Cassirer escreve que isto era: "a reação ao modo de pensar completamente viril de Kant à efeminação e doçura excessiva que ele via controlar tudo à sua volta. É fato neste sentido que ele veio a ser compreendido [...]. Não apenas Schiller, quem explicitamente lamentou em uma carta a Kant que este tivesse momentaneamente assumido o 'aspecto de um oponente' mas também Wilhelm von Humboldt, Goethe e Hölderlin concorreram com este juízo. Goethe louva o 'préstimo imortal' de Kant em ter liberado a moralidade do estado débil e servil em que esta havia caído, através do cálculo bruto da alegria, e assim 'nos trazido de volta da efeminação [*Weichlichkeit*] em que nos estávamos espojando".

O tema do sujeito autônomo e autotélico, de sentidos mortos, e por esta razão um criador viril, com auto-arranque (a *self-starter*), bastando-se sublimemente a si mesmo, aparece ao longo do século dezanove – bem como a associação da "estética" deste criador como guerreiro, e daí com a guerra. No final do século, com Nietzsche, há uma nova afirmação do corpo, mas este permanece auto-suficiente, extraindo o máximo prazer das suas próprias emanações biofísicas. O ideal nietzscheano do artista-filósofo, a encarnação da Vontade de Poder, manifesta os valores elitistas do guerreiro, talvez "tão distante de outros homens a ponto de os poder formar". Esta combinação de sexualidade autoerótica e poder governamental sobre os outros constitui o que Heidegger chama a "Mannesaesthetik" de Nietzsche. Esta deve substituir o que o próprio Nietzsche chama "Weibesaesthetik", "estética feminina" de receptividade às sensações advindas do exterior. (BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestésica: O "Ensaio sobre a obra de arte" de Walter Benjamin Reconsiderado. In *Travessia* nº 33, p 17-18. UFSC ago-dez 1996.)

⁷ Collection Littéraire. LAGARDE ET MICHARD XX^e Siècle, Bordas Paris 1988, p. 690.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, RJ. Vozes, 1990.

⁹ GENET, Jean. *Querelle de Brest*, Gallimard. Paris, 1999. p. 15.

¹⁰ POMPÉIA, Raul. O Ateneu. Klick Editora, RJ, p. 74, 1997.

¹¹ Mas é preciso deixar claro que tanto quanto ao jogo do poder quanto às trocas, as regras se invertem. Isso quer dizer que o dominado se torna dominador e a regra da instituição que dizia “não matar” reverte-se em “matarás”, trocando as suas leis que eram humanas e que, aparentemente, no imaginário de Genet, tendem a voltar a ser divinas. Daí o *Sanit-Genet* de Sartre.

SARTE, Jean-Paul. *Saint-Genet: Comédien et martyr*, Gallimard, Paris.

¹² GENET, Jean. *Querelle de Brest*, page 216 et 217. Gallimard, Paris, 1999.

¹³ *bécoter* / beijar linguagem coloquial

¹⁴ *potes – copains – amis*

¹⁵ GENET, Jean. *Querelle de Brest*. Page 101. Gallimard, Paris, 1999

¹⁶ GENET, Jean. *Querelle de Brest*, page 142-143- 204.. Gallimard, Paris 1999

¹⁷ POMPÉIA, Raul. O Ateneu. Klick Editora. P. 114-115. RJ, 1997.

¹⁸ fragmento do romance de Bernardin de Saint-Pierre.

¹⁹ BANDEIRA, Manuel, *Estrela da Vida*. Ed. Record. RJ., 1990, p. 107

²⁰ POMPÉIA, Raul. O Ateneu. Klick Editora. P. 112-113. RJ, 1997.

²¹ DERRIDA, Jacques. *Given time: 1. Counterfeit Money*. The University of Chicago Press, 1994.

²² BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre; LPM, 1987

²³ Nota: Termo empregado por Georges Bataille

²⁴ DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Trad. Luiz B.L. Orlandi SP. Papyrus, 1991

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, MANUEL. *Estrela da Vida*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

BARTHES, Roland. *Fragments d'un discours amoureux*. Paris: Seuil., 1977.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: LPM, 1987.

BUCK-MORSS, SUSAN. *Estética e amestética: O “Ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin. Reconsiderado*. In: *Travessia* n.33. UFSC, ago-dez/1996.

DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco. Tradução de Luiz B.L. Orlandi* SP: Papyrus, 1991

DERRIDA, Jacques. *Given time: 1. Counterfeit Money. The University of Chicago Press*, 1994.

DREYFUS ET RABINOW. *Michel Foucault – Un parcours philosophique*, Gallimard, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal*, 1989.

_____. *Dits et écrits. vol. II e IV. Paris: Gallimard*, 1994.

_____. *Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Vozes*, 1990.

GENET, Jean. *Notre-Dame-des-Fleurs. Paris: Gallimard*, 1998.

_____. *Querelle de Brest. Paris: Gallimard*, 1999.

_____. *Pompes Funèbres. Paris: Gallimard*, 1997.

LAGARDE ET MICHARD. *Collection Littéraire. XX siècle. Paris: Bordas*, 1988.

MORALY, Jean-Bernard. *Jean Genet la vie écrite – biographie. Paris: Éditions de la Difference*, 1988.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu. Klick Editora, Rio de Janeiro*, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *Saint-Genet: Comédien et martyr, Paris: Gallimard*.

VALERO, Pedro M.H. *Michel Foucault. Barcelona: Ariel*, 1998.

VERLAINE, Paul. *Poésies. Paris: Gallimard*, 1990.

